



**Revista Letras**

**Nº 102 - Jul./Dez. 2020**

<http://revistas.ufpr.br/letras>

**Editor:** Alexandre Nodari

**Projeto Gráfico:** Yuri Kulisky

### **Organizadores do número temático**

Solange Fiuza (UFG) e Waltencir Alves de Oliveira (UFPR)

### **Conselho Editorial**

Antonio Dimas (USP), Beatriz Gabbiani (Universidad de la República do Uruguai), Carlos Alberto Faraco (UFPR), Carlos Costa Assunção (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro), Elena Godoi (UFPR), Filomena Yoshie Hirata (USP), Gilda Santos (UFRJ), José Borges Neto (UFPR), Júlio Cesar Valladão Diniz (PUC-RJ), Lígia Negri (UFPR), Lúcia Sá (Manchester University), Lucia Sgobaro Zanette (UFPR), Maria Lucia de Barros Camargo (UFSC), Marília dos Santos Lima (UNISINOS), Mauri Furlan (UFSC), Mauricio Mendonça Cardozo (UFPR), Raquel Salek Fiad (UNICAMP), Rodolfo A. Franconi (Dartmouth College), Rodolfo Ilari (UNICAMP)

### **Conselho Consultivo**

Adalberto Müller (UFF), Álvaro Faleiros (USP), Brunno Vinicius Gonçalves Vieira (UNESP-Araraquara), Fernando Cabral Martins (Universidade Nova de Lisboa), Helena Martins (PUC-RIO), Irene Aron (USP), Isabella Tardin Cardoso (UNICAMP), Juliana Perez (USP), Luciana Villas Boas (UFRJ), Márcia Martins (PUC-RIO), Maria Irma Hadler Coudry (UNICAMP), Matthew Leigh (University of Oxford), Patrick Farrell (University of California/Davis)

### **Lista dos pareceristas ad hoc**

Antônio Donizeti Pires (UNESP/Araraquara), Celia Pedrosa (UFF), Eduardo Horta Nassif Veras Veras (UFTM), Enivalda Nunes Freitas e Sousa (UFU), Éverton Barbosa Correia (UERJ), Fabiane Renata Borsato (UNESP/Araraquara), Francine Fernandes Weiss Ricieri (UNIFESP), Goiandira Ortiz de Camargo (UFG), Marcelo Ferraz de Paula (UFG), Marcos Siscar (UNICAMP), Renata Rocha Ribeiro (UFG), Rodrigo Garcia Barbosa (UFLA), Susana Souto Silva (UFAL), Wilberth Salgueiro (UFES), Wilson Flores JR. (UFG)

## SUMÁRIO

- 4      APRESENTAÇÃO  
              *Waltencir de Oliveira*  
              *Solange Fiuza*
- 8      AS VOZES DE DENTRO DA POESIA CABRALINA  
              *Olliver Mariano Rosa*
- 27     JOÃO CABRAL E O FLAMENCO OU A ARTE DE FAZER NO EXTREMO  
              *Nylcéa Thereza de Siqueira Pedra*
- 47     O POEMA ‘CENAS DA VIDA DE JOAQUIM CARDOZO’  
              *Éverton Barbosa Correia*
- 69     SOBRE O HUMOR EM MORTE E VIDA SEVERINA (1956), DE JOÃO  
CABRAL DE MELO NETO  
              *Joelma Santana Siqueira*
- 94     DO REBENTAR DA IMAGEM: OU RELEITURA DO EPÍLOGO DE UMA  
FACA SÓ LÂMINA (1955) A PARTIR DA REAVALIAÇÃO DA FORTUNA  
CRÍTICA CABRALINA  
              *Erick Monteiro Moraes*
- 116    DA VOZ E DA IMAGEM NOS TELEFONES DE JOÃO CABRAL  
DE MELO NETO  
              *Fabiane Borsato*
- 135    UM VELHO MESTRE À ESPREITA: WILLY LEWIN LEITOR  
DE JOÃO CABRAL  
              *Edneia Rodrigues Ribeiro*
- 152    ANA CRISTINA CESAR, PAULO HENRIQUES BRITTO E O LEGADO DE  
JOÃO CABRAL  
              *Eduardo Veras*
- 171    CONSERVAR NA PALMA O PESO DE UMA MÃO: RITMO, LIRISMO E  
MEMÓRIA EM JOÃO CABRAL DE MELO NETO  
              *Francine Fernandes Weiss Ricieri*

198 A PRIMEIRA RESENHA PORTUGUESA SOBRE A EDUCAÇÃO  
PELA PEDRA, DE ARNALDO SARAIVA, ANTECEDIDA POR UMA  
APRESENTAÇÃO

*Arnaldo Saraiva*

*Solange Fiuza*

*Waltencir de Oliveira*

**J**oão Cabral de Melo Neto completaria cem anos em janeiro de 2020. Nascido no Recife, em função de sua atuação na carreira diplomática, acabou vivendo em várias cidades de diversos países do mundo. Dentre elas, é notória a constante referência em sua poesia ao seu estado natal e a uma cidade/ região específicas: Pernambuco e Sevilha/ Andaluzia. No poema “Autocrítica”, do livro **A escola das facas**, de 1980, o poeta aponta que “Só duas coisas conseguiram/ (des) feri-lo até a poesia:/ O Pernambuco de onde veio / e o aonde foi, a Andaluzia [...]”. O espaço, as paisagens e as cidades constituem mais do que referências ou motivações temáticas. Podem configurar componentes da extensa cadeia de símiles que estruturam a poesia cabralina, que recorre a analogias entre elementos concretos e ideais abstratos, tais como a concisão, a precisão, a dureza e a contundência. Aliás, são diversos os ensaios e prefácios nos quais o poeta parece prescrever seu “modo de usar”, às vezes até explicando algumas dessas analogias, em um esforço de orientar uma dada leitura crítica de sua obra. Vale destacar que muitos textos tidos como fundadores de sua fortuna crítica foram escritos entre o final da década de 60 e o início da década de 80, tendo sido, muitas vezes, profundamente afetados pela “narrativa” que o próprio poeta construiu sobre a sua poesia. E, embora essa poesia ainda estivesse em curso, é recorrente nesses estudos críticos o desejo de fixar o projeto poético cabralino, supondo-o integralmente definido. A contribuição desses trabalhos críticos é incontestável, porém é de se supor que os livros finais do poeta podem fornecer subsídios importantes para situar a poesia de João Cabral de Melo Neto, incluindo nisso até mesmo a releitura de seus livros iniciais, a partir de outros parâmetros, bem como para compreender criticamente o legado de sua poesia hoje. Essas foram as questões centrais que procuramos enfocar neste dossiê temático da Revista Letras: **“O que dizer sobre o poeta a propósito de seus cem anos?”**.

Os “aceites” aos convites feitos às leitoras e aos leitores da poesia cabralina aparecem, aqui, integralmente atrelados à proposta do dossiê. Convidamos, agora, outros leitores/as a acompanhar a série de artigos/ ensaios analíticos apresentada aos editores e que compõe este volume. Antes disso, permitam “os senhores, essa breve leitura”, que diz deste dossiê “acabado de nascer”.

No texto “As vozes de dentro da poesia cabralina”, Olliver Mariano Rosa aborda a relação “entre performance vocal e a poesia de João Cabral de Melo Neto”, problematizando a divisão da poesia cabralina em duas vertentes, conforme sugerido pelo próprio poeta no volume **Duas águas**, de 1956. A partir da leitura atenta do volume **Morte e Vida Severina e outros poemas**

**em voz alta** e de alguns poemas do livro **Museu de Tudo**, o articulista discute o caráter comunicativo da poesia de João Cabral, deslocando a análise para “o âmbito performativo da vocalização”. Com isso, alguns juízos críticos, considerados irrefutáveis, são problematizados e tensionados, sobretudo os que se referem à relação entre a poesia cabralina e a música.

Em “João Cabral e o flamenco ou a arte de fazer no extremo”, Nylcéa Thereza de Siqueira Pedra analisa a apropriação que a poesia cabralina realiza das artes populares da Andaluzia, sobretudo da arte flamenca. Examinando os ecos dessa arte em alguns poemas do poeta, a autora aponta que a “presença do flamenco não se restringe a uma motivação temática”, mas constitui “elemento constitutivo de um símile essencial” que norteia e condiciona o fazer poético. Ao discutir um tema recorrente na poesia cabralina, apresenta novos e importantes elementos que obrigam a compreender a relação entre Cabral e a Espanha partindo de novas fontes e de outros parâmetros, às vezes pouco explorados ou analisados em menor profundidade.

Éverton Barbosa Correia, no artigo “O poema ‘Cenas da vida de Joaquim Cardozo’ como ponto de partida retrospectivo para edição crítica de **Crime na Calle Relator** de João Cabral”, efetua o “cotejo entre os diversos volumes que coligiram” esse poema com o objetivo de discutir o “entrelaçamento entre livro e poema”, bem como acompanhar as modulações e alterações que a poesia cabralina apresenta em seu diálogo com a “figura de um outro poeta que serve aos seus princípios composicionais”. Ao discutir alterações entre diferentes edições disponíveis de um mesmo poema, o autor realiza uma análise fundamental para compreender as relações entre poema, livro e escolhas editoriais, o que permite avaliar a noção de escritura em João Cabral de Melo Neto, mediada pelas “rasuras e imperativos editoriais”.

Em “Sobre o humor em **Morte e Vida Severina** (1956), de João Cabral de Melo Neto”, Joelma Santana Siqueira discute a pertinência de uma consideração que o próprio poeta reitera em entrevistas a respeito de sua obra: a de que o humor, presente em sua poesia, foi pouco ou nada discutido pela crítica. A autora apresenta uma série de reflexões teóricas relativas ao humor, ao riso e à ironia, sobretudo estudos que analisam o modo como essas categorias aparecem e se constroem na poesia de João Cabral. A partir da análise focada no **Auto de Natal pernambucano**, de 1956, amplia a compreensão dos mecanismos de formalização e de produção dos pretensos efeitos de humor provocados por essa obra poética.

No ensaio “Do rebentar da imagem: ou releitura do epílogo de **Uma faca só lâmina** (1955) a partir da reavaliação da fortuna crítica cabralina”, Erick Monteiro Moraes expõe as fissuras presentes numa “teleologia” que, segundo o autor, conforma vários estudos sobre a poesia de João Cabral, trazendo como prejuízo uma certa divisão “maniqueísta”, que repercute sobre a compreensão que se tem, ou teve, dessa poesia. Para tanto, reflete

mais detidamente sobre o ensaio “As incertezas do sim”, de Silviano Santiago, publicado em 1982, observando como há, nesse texto, uma espécie de exemplificação paradigmática da suposta divisão que é então problematizada. A partir desse texto, e de parte considerável da fortuna crítica de João Cabral, o autor realiza uma leitura do epílogo do poema-livro **Uma faca só lâmina**, com o intuito de reconsiderar criticamente alguns pressupostos constantemente empregados para analisar o poema e o poeta.

Fabiane Borsato, em “Da voz e da imagem nos telefones de João Cabral de Melo Neto”, analisa a “plasticidade” conferida à figura do telefone na poesia de João Cabral. Atentando para as várias retomadas e reconfigurações empreendidas pelo poeta em poemas de livros diversos, a imagem é analisada em toda a sua extensão e complexidade. A autora sugere que a rede acionada a partir dessa figura possibilita ler/reler as configurações do “onírico” e do “feminino”. Assim, parte de um estudo metódico da “imagem poética” para considerar ou reconsiderar vários aspectos técnicos da poesia de Cabral. Além disso, observa a associação entre eles e alguns elementos próprios da tradição poética, como, por exemplo, quando indica que ao “seguir a lição dos poetas metafísicos”, o poeta “faz da vivência emocional a matéria de pensamento”. Desse modo, mostra como uma figura pode e permite acionar uma rede de elementos que se adensam em uma poesia complexa.

Em “Um velho mestre à espreita: Willy Lewin leitor de João Cabral”, Edneia Rodrigues Ribeiro investiga a relação estreita entre Lewin e Cabral, desde a convivência efetiva de ambos no Recife, onde João Cabral ainda adolescente enxerga Lewin como um “mentor intelectual”. A partir da análise do poema de **Museu de tudo** “A Willy Lewin morto”, e da consulta a fontes primárias, como cartas e entrevistas de Cabral, a autora observa como esse diálogo afeta a poesia cabralina, fornecendo subsídios que permitem compreender que Willy Lewin, a quem é dedicado a obra de estreia **Pedra do sono**, continua operando como um “interlocutor” do sujeito enunciativo dessa poesia, mesmo quando esse pretendo diálogo não pode mais ser efetivado.

Eduardo Veras, no seu texto “Ana Cristina Cesar, Paulo Henriques Britto e o legado de João Cabral”, reflete sobre a “apropriação crítica do legado cabralino” por Ana Cristina Cesar e por Paulo Henriques Britto. Entendendo que cada uma dessas poéticas, a seu modo, “respondeu criticamente ao legado de Cabral”, abre à compreensão não só de aspectos nucleares da poesia cabralina, como das duas outras que discute. Além disso, amparado em uma rede teórica que amplifica noções como a de sujeito lírico, subjetividade e enunciação, o artigo permite compreender a intrincada rede de tensionamentos que constituem e conformam o diálogo entre os poetas e destes com dilemas inerentes à expressão e à circulação da poesia.

Francine Weiss Ricieri, no ensaio “Conservar na palma o peso de uma mão: ritmo, lirismo e memória em João Cabral de Melo Neto”, parte

da leitura cerrada do poema “O engenheiro”, constante do livro homônimo de João Cabral de Melo Neto, e faz dele centro irradiador de uma série de reconsiderações sobre alguns juízos críticos que foram se tornando lugares-comuns da crítica cabralina. A análise dessa fortuna crítica é confrontada com formulações teóricas que possibilitam reconsiderar conceitos como ritmo, lirismo e memória, o que permite compreender que algumas leituras analíticas de Cabral, efetivadas com sua obra ainda em curso, necessitam ser matizadas e tensionadas para o efetivo entendimento dos dilemas que a própria poesia cabralina figura e formaliza.

Fecha o volume a resenha que o crítico português Arnaldo Saraiva escreveu sobre o então recém-publicado **A educação pela pedra**. Em 27 de agosto de 1966, logo após o lançamento do livro por Cabral, Saraiva publicou, no **Correio da Manhã**, do Rio de Janeiro, uma resenha, republicada, em 1967, no **Diário de Notícias**, de Lisboa. Este volume comemorativo do centenário de João Cabral de Melo Neto encerra-se com uma apresentação, assinada por Solange Fiuza e Waltencir Alves de Oliveira, dessa resenha. A importância histórica que tem a leitura crítica, “no calor da hora”, de um dos mais renomados leitores portugueses sobre um dos mais importantes livros de poesia de João Cabral de Melo Neto é imensurável. Resta agradecer a generosidade de Arnaldo Saraiva, que deu a esta revista e a estes editores a honra de (re)apresentar um texto de difícil acesso aos leitores brasileiros.

Esperamos que, neste atípico ano de 2020, atravessado pela presença constante da “morte”, seja possível encontrar espaço para a comemoração dos 100 anos de nascimento do poeta que, sempre, soube da imensa dificuldade de “defender, só com palavras, a vida”.

*Waltencir de Oliveira (UFPR)*  
*Solange Fiuza (UFG)*  
*(org.)*